

**UM MERGULHO EM ANTÔNIO TORRES:  
ESSA TERRA QUE ME CHAMA, ENXOTA,  
ENLOUQUECE E ME AMA**

*Erick Naldimar dos Santos* (UEFS)

[enaldimar@hotmail.com](mailto:enaldimar@hotmail.com)

*Aleilton Fonseca* (UEFS)

[aleilton@terra.com.br](mailto:aleilton@terra.com.br)

**RESUMO**

Um dos maiores expoentes do romance baiano, Antônio Torres, permite a construção de um terreno em que estimula a imaginação, fazendo brotar e vivenciar cenários e paisagens carregadas de sentido e expressão concretas da essência humana, principalmente em *Essa Terra*, 1976. Obra quase autobiográfica apresenta um relato do impacto da assustadora São Paulo sobre o imigrante nordestino. A cidade de Junco, interior da Bahia – trilhou os mesmos caminhos, quando o autor evidenciou personagens que deixaram o Nordeste para procurar a sorte nas metrópoles do Sudeste. “Aqui também os mais velhos do lugar tiveram a sua história empurrada para debaixo do tapete asfáltico” (TORRES, 2004). Diante de um cenário inverso, ao qual se acreditava o migrante, ele se depara com uma realidade brutal, competitiva e responsável pela desconstrução identitária, acompanhadas de velados preconceitos de cunho social e racial. O estar “entre lugares” é também uma expressão viva em que as personagens principais vivenciam uma relação consigo próprios, com os outros e com a terra, seja ela sua terra natal ou àquela em que depositou seus sonhos “promissores”. Segundo Fonseca (2004), o olhar do escritor: “[...] projeta-se sobre coisas, paisagens, ações, ritos, situações – e ele transmuta, alegoriza, ressignifica, plasmando em linguagem lírica aquilo que visualiza- no real e na imaginação. Portanto, nosso objetivo é permitir que nossos olhos vislumbrem uma nova percepção de ver, ser e sentir os espaços com os quais construímos história. Além de percorrer sobre o preconceito a partir da negação ou desvalorização da identidade.

**Palavras-Chave:** Antônio Torres. Identidade. Sonho. Devaneio.

Antônio Torres é jornalista e escritor brasileiro. Recentemente consagrado membro da Academia Brasileira de Letras. Nascido no interior da Bahia tem os temas rurais como os mais recorrentes em sua obra.

Faz uma releitura do regionalismo, mostrando de forma irônica as paisagens e os estereótipos locais.

Sendo um dos maiores expoentes do romance baiano, Antônio Torres, deixa a imaginação brotar e fazer viver cenários e paisagens carregadas de sentido e expressão concreta da natureza humana.

Em seu romance, *Essa Terra* (1976), obra quase autobiográfica apresenta um relato do impacto da assustadora São Paulo sobre o imigrante nordestino. A cidade de Junco, interior da Bahia – trilhou os mesmos caminhos, quando o autor evidenciou personagens que deixaram o Nordeste para procurar a sorte nas metrópoles do Sudeste.

Assim evidencia o autor: “Aqui também os mais velhos do lugar tiveram a sua história empurrada para debaixo do tapete asfáltico” (TORRES, 2004). O Brasil em toda sua extensão e diferenças regionais dentre outras características forma fatores atenuantes para o crescimento das migrações dentro do nosso país.

A região Sudeste, especificamente a cidade de São Paulo, era o destino principal dos migrantes. Enquanto os asfaltos cortavam as matas e cidades, iam a seus encaixos os migrantes em busca de melhores oportunidades e prosperidade econômica. Na segunda metade do séc. XX a metrópole paulistana já se desenhava com tintas fortes o espelho de um Brasil moderno.

É neste crescimento frenético que o sujeito constrói sua percepção a respeito das cidades. A ideia de que se pode encontrar sucesso na cidade grande é pensamento enraizado na personagem principal:

Nelo descobriu que queria ir embora no dia em que viu os homens do jipe. Estava com 17 anos. Ele iria passar mais três anos para se desprejar do cóis das calças de papai. Três anos sonhando todas as noites com a fala e as roupas daqueles bancários? a fala e a roupa de quem, com toda certeza, dava muita sorte com mulheres. (TORRES, 1976, p. 11)

O sujeito constrói imagens que segundo Aleilton Fonseca: “[...] Seu olhar projeta-se sobre coisas, paisagens, ações, ritos, situações – e ele transmuta, alegoriza, ressignifica, plasmando em linguagem lírica aquilo que visualiza – no real e na imaginação – e traduz em imagens especiais concebidas por seu poder verbal de sugestão”. (FONSECA & MATTOS, 2004, p. 92-93).

A estrutura do romance se apresenta de forma fragmentada. Criando um elo que reflete a identidade dos personagens e a relação entrela-

çada entre eles e sua terra. A divisão do mesmo em: “Essa Terra Me Chama”, “Essa Terra Me Enxota”, “Essa Terra Me Enlouquece” e “Essa Terra Me Ama”, convida o leitor a construir uma simbiose entre sua Junco, a cidade natal, e São Paulo, sua cidade de esperança e desilusão

Narrando a história de Nelo, enxergamos um sujeito que percorre o caminho de volta da voraz São Paulo para o povoado do Junco. Descontente com seu insucesso e aborrecendo as expectativas depositadas pela família, o personagem principal constrói o percurso de fracassos e das contradições que lhe acompanharam desde a partida da terra natal, culminando com o suicídio por enforcamento.

O sonho não realizado constrói estes “buracos negros” na esfera da alma e não resta senão apenas a desilusão de ser. Bachelard vem contribuir com a seguinte explicação:

Para um sonho que se conta ao regressar à luz do dia, quantos sonhos cujo fio se perdeu! O psicanalista não trabalha nessas profundezas. Acredita poder explicar as lacunas sem atentar para o fato de que esses buracos negros, que interrompem a linha dos sonhos contados, são talvez a marca do instinto de morte que opera no fundo das nossas trevas. Muitas vezes só um poeta pode nos oferecer uma imagem dessa remota pousada, um eco do drama ontológico de um sono sem memória, quando o nosso ser se viu talvez tentado pelo não-ser. (BACHELARD, 1988, p. 141).

No âmago destes sonhos o sujeito se perde dentro do próprio ser, dentro da própria condição existencial. E isto fica evidente quando a personagem principal se encontra diante de um árduo embate, entre a realidade interiorana e a metrópole devastadora de sonhos.

O estar “entre lugares” é também uma expressão viva nas linhas do romance *Essa Terra*. Os personagens principais vivenciam a relação consigo próprios, com os outros e com a terra, seja ela sua terra natal ou àquela em que depositou seus sonhos “promissores”.

De Junco à cidade grande, Torres, numa espécie de justificativa, conta a partida para São Paulo:

[...] um dia pegou um caminhão e sumiu no mundo para se transformar, como que por encantamento, num homem belo e rico, com seus dentes de ouro, seu terno folgado e diferente de casimira, seus raybans, seu rádio de pilha? faladorzinho como um corno? e um relógio que brilha mais do que a luz do dia. Um monumento, em carne e osso. O exemplo vivo de que a nossa terra também podia gerar grandes homens. (TORRES, 1976, p. 14)

O encantamento para ir morar na metrópole exclui qualquer possibilidade de racionalidade, no qual esta mudança é mesmo um jogo de

azar. É nesta relação social e biológica que existe este processo de desconstrução e reconstrução identitária. O lugar apresenta-se tanto como expressão de resistência como de adaptação à ordem global.

Existe um distanciamento da sua terra natal, de suas raízes em detrimento das ilusões trazidas pela cidade moderna. Sem esquecer que o modelo de modernidade traz consigo as marcas da opressão, do preconceito, das mazelas e principalmente das desigualdades.

Assim Todorov (1999) explícita sobre o preconceito sempre numa relação social ao qual aparece como um modo de relacionar-se com “o outro” diferente, a partir da negação ou desvalorização da identidade do outro e da supervalorização ou afirmação da própria identificação.

O lugar seria a base da reprodução da vida, desta forma sendo compreendido pela tríade: habitante-lugar-identidade. Sendo este um palco de acontecimentos que abarca a vida social, a identidade e o reconhecimento.

Compreendendo este último como um terreno delicado de ser analisado uma vez que os preconceitos reduzem esta condição existencialista e de pertencimento. Segundo Santos (2005, p. 65), “o sentimento de pertencimento a um determinado lugar constrói uma introspecção de valores que condiciona o modo de vida dos indivíduos”.

Desta maneira, Ciampa discorre sobre a ideia de um destino inexorável e fatalista:

A primeira constatação acima – de que o vir a ser do homem não pode se confundir com o de uma semente – deve servir para questionar toda e qualquer concepção fatalista, mecanicista, de um destino inexorável, seja nas suas formas mais supersticiosas (“sou pobre porque Deus quer”, “nasceu para ser criminoso”, etc.). Seja em formas mais sofisticadas de teorias pseudocientíficas (por exemplo em certas versões de teorias de personalidade). (CIAMPA, 1991, p. 72)

Este desejo e sonho da personagem principal de ir em busca de melhores condições de vida é uma realidade predominante do sertanejo. A saga vivida pela saída de seu lugar para a realização pessoal nas grandes metrópoles fertiliza a imaginação no encontro com novos lugares:

Aliás, qual é a função psicológica da viagem? Diremos que viajamos para ver; mas como ver bem sem se deslumbrar diante das novidades do real, sem um longo preâmbulo de devaneios familiares? Os grandes viajantes são, antes, em uma longa adolescência, grandes sonhadores. Para gostar de partir, é preciso saber se desprender da vida cotidiana. O gosto pelas viagens decorre do

gosto por imaginar. Parece que uma franja de imaginário é sempre necessária para conferir interesse aos espetáculos novos. (BACHELARD, 1978, p. 108)

O lugar constitui de uma multiplicidade de relações, ao mesmo tempo em que pode ser entendido enquanto uma realidade sensível, correspondendo ao uso e à prática vivida no cotidiano. A partir de um pensamento eurocêntrico é que o nordestino foi colocado à margem sendo alvo de rótulos que se intensificaram historicamente.

Esta busca por um “futuro promissor”, a migração se perpetuou ao longo de muitas décadas levando o indivíduo, em especial o nordestino, a percorrer os trilhos da ascensão e muitas vezes da desilusão. Em desencontros consigo mesmo aumenta a aflição frente ao que nem se sabe o que estar por vir.

Conforme constata Gomes, 1990: “A penosa construção de nós mesmos se desenvolve na dialética rarefeita entre o não ser e o ser outro”.

Ramos descreve tão bem este processo histórico:

As imagens ali veiculadas são forjadas a partir da ideologia do trabalho e são construídas, sobretudo, através das figuras dos desbravadores e dos migrantes, nacionais e estrangeiros, os quais, trazidos pela utopia da terra prometida, pelo mito de um novo eldorado [...] (RAMOS, 2011, p. 59).

Diante de um cenário inverso, ao qual se acreditava o migrante, ele se depara com uma realidade brutal, competitiva e responsável pela desconstrução identitária, acompanhadas de velados preconceitos de cunho social e racial. Um deslumbramento identitário percorre um processo de legitimação social e cultural de determinados elementos históricos que confere a um grupo, um sentimento coletivo de ser cidadão e fazer parte de um lugar.

A desconstrução de um espaço regional identitário rompe com a vertente mítica e nostálgica de uma aceitação e autenticidade regional, expondo assim uma realidade permeada nos caminhos percorridos dos indivíduos nordestinos que buscam, utopicamente, suas melhores condições de vida nas cidades grandes.

Ao traduzir de forma instigante as inquietações ligadas aos problemas de natureza identitária, surgidos pela convivência do eu com o lugar estranho, Torres apresenta uma dicotomia entre o espaço real vivido pela personagem e o “ideal” que seria a grande São Paulo. Mostrando

assim o retorno da personagem principal à sua terra natal para cumprir a saga trágica daquele imigrante.

Assinala neste entendimento, assim, Fonseca (2011) “São criadores de imagens da Bahia, seja numa perspectiva de resgate histórico afetivo, seja na perspectiva da crítica e da reflexão sobre o lugar do existir, ou seja, a casa de toda, a morada, enfim o Oikos existencial”.

Encontra-se aqui um pressuposto para construirmos um olhar crítico-reflexivo no romance *Essa Terra*. Nas vivências regionais do protagonista, e seu desejo de mudança de status podemos refletir sobre a contradição, o dissenso e a ambiguidade dentro de nós mesmos e no mundo. Existe aqui uma forma de interpretar a vida a partir da voz particular e não a partir da objetividade ou da informação. É neste elo de interlocução que se produz sentido e o indivíduo se lança na sua mais audaciosa ambição de ter ao invés de ser.

O não pertencimento a lugar algum faz São Paulo representar para o protagonista seu exílio e perda, conforme explícita Torres:

Dinheiro, dinheiro, dinheiro.  
Cresce logo, menino, pra você ir para São Paulo.  
Aqui vivi e morri um pouco todos os dias.  
No meio da fumaça, no meio do dinheiro.  
Não sei se fico ou se volto.  
Não sei se estou em São Paulo ou no Junco. (TORRES, 1976, p. 63)

Situando a ficção de Antônio Torres entendemos que o período se encaixa justamente na aceleração do processo de industrialização. Muitos autores compreendem os anos de 1915 a 1945 como marco do desenvolvimento das metrópoles, período este em que as transformações resultaram transformações urbanas, no processo de migração e nos impactos dos hábitos e no convívio social.

Nas primeiras décadas do Séc. XX, a capital paulistana já se encontrava em franco processo de metropolização, com seu crescente desenvolvimento urbano, econômico e industrial. [...] A vocação da modernidade é inerente à cidade, o que propicia um contexto favorável à adoção do novo e a contínua transformação física [...]. (FONSECA, p. 18, 2012)

Este desenvolvimento acelerado das grandes cidades faz surgir um sujeito fragmentado e que vive enclausurado em seu próprio mundo interior. O que lhe causa intranquilidade e inquietação na condição de mal estar no mundo. Bachelard compreende estas questões relacionando o devaneio da solidão do sonhador:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Num devaneio de solidão, que aumenta a solidão do sonhador, duas profundezas se conjugam, repercutem-se em ecos que vão da profundidade do ser do mundo a uma profundidade do ser do sonhador. O tempo já não tem ontem nem amanhã. O tempo é submerso na dupla profundidade do sonhador e do mundo. (BACHELARD, 1988, p. 165, 166).

Confere-nos relacionar o enredo de *Essa Terra* a respeito do encantamento e a ilusão de Nelo, o migrante que tentou vencer na vida, em contraponto à decepção com o que aconteceu quando seus sonhos foram engolidos pelo cenário metropolitano. Na ficção a personagem já não conseguia inferir valores de tempo, onde o passado era sua reflexão e o futuro um terreno incerto, restando apenas o devaneio do tempo presente.

Podemos compreender esta atmosfera de devaneio não apenas com o suicídio de Nelo, mas, principalmente quando Torres faz a divisão dos capítulos de seu livro. Desta maneira, já é perceptível uma intranquilidade e uma inquietação quando *Essa Terra* me chama, me enxota, me enlouquece e logo em seguida me ama.

Essas imagens são construídas com estilo e precisão onde as personagens vivem seu universo dramático e sua tragédia pessoal; onde podemos entender o regresso como uma dúvida. Guimarães Rosa (2001) muito nos acrescenta quando afirma “Eu voltava, para tudo. A cidade hostil, em sua pauta glacial. O mundo. Voltava, para o que nem sabia se era a vida ou se era a morte. Ao sofrimento, sempre. Até o momento derradeiro, que não além dele, quem sabe?”

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; Trad.: Joaquim José Moura Ramos, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_. *A poética do devaneio*. Trad.: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FONSECA, Aleilton. *O Arlequim da Pauliceia: imagens de São Paulo na poesia de Mário de Andrade*. 1. ed. São Paulo: Geração, 2012.

REHENIGLEI Rehem, Frédéric Robert Garcia (organizadores). *Identidade, território, utopia: literatura baiana contemporânea*. Ilhéus: Editus, 2011.

TORRES, Antônio. *Essa Terra*. 24. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

\_\_\_\_\_. *Meu querido canibal*. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004.